



UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM/MS
CURSO DE LETRAS
ELENIR XIMENES COLMAN

A SUBJETIVIDADE EM QUEM SOU EU? DE LINO VILLACHÁ

JARDIM
2016

ELENIR XIMENES COLMAN

A SUBJETIVIDADE EM QUEM SOU EU? DE LINO VILLACHÁ

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras
Habilitação Português – Inglês da Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito
parcial para a obtenção do grau de Licenciado
em Letras.

Prof^a Dr^a Adélia Maria Evangelista Azevedo

JARDIM
2016

COLMAN,Elenir Ximenes

A Subjetividade em Quem sou eu? de Lino Vilacha / Elenir Ximenes
Colman. Jardim: UEMS, 2016, P.36

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês
– Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Enunciação 2. Subjetividade 3. Testemunhos

É concedido a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

ELENIR XIMENES COLMAN
Jardim-MS, novembro de 2016

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO HABILITAÇÃO LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

A SUBJETIVIDADE EM QUEM SOU EU? DE LINO VILLACHÁ

APROVADO EM: _____/_____/_____

Orientadora: Prof^a Dr^a Adélia Maria Evangelista Azevedo
UEMS

Prof. Me. Jefferson Machado Barbosa

Prof. Dr. Neurivaldo C. Pedroso Junior

E a luz de Deus cobre-me de graça
e me enriquece de amor e fé,
por isso me sinto completo,
mesmo faltando-me tudo...

Lino Villachá (1976)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela sabedoria, paciência e persistência para alcançar os meus objetivos.

A Nossa Senhora Aparecida, pela presença em minha vida e interseção junto a Deus e ao teu Santíssimo Filho, Jesus Cristo.

A minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Adélia Maria Evangelista Azevedo, docente do Curso de Letras UEMS – Unidade de Jardim, que acreditou ao me aceitar como sua orientanda, proporcionando mais conhecimento.

A minha mãe, Honorina Ximenes, a rosa mais linda do meu jardim.

Ao meu pai, Leandro Colman, mesmo deixando um vazio enorme na minha vida para buscar a felicidade, acredito ele terá orgulho desta conquista intelectual.

Ao meu esposo, Júnior Stravis, meu eterno namorado que sempre incentivou, apoiando-me nos momentos mais difíceis.

A minha família, especialmente, por constituírem meu porto seguro.

A minha sobrinha, Ana Beatriz, que amo incondicionalmente.

À Sueila, amiga para todas as horas.

Aos colegas e aos amigos da Secretaria Municipal de Saúde.

À Mireli, minha amiga irmã, por ter me incentivado a voltar estudar.

Aos meus professores e colegas de Turma, do Curso de Letras, Português/Inglês, UEMS – Unidade de Jardim.

Resumo

A pesquisa segue pelo percurso teórico da Linguística da Enunciação, à luz do pensamento de Émile Benveniste (1976), a partir da obra *Problemas de Linguística Geral – PLG I*, e de diálogos desta teoria com o conceito de *testemunho* e de *testemunha*, em Giorgio Agamben (2008). A escolha do percurso alia a experiência vivida no Curso de Letras e ao exercício da profissão na área da Saúde, em Jardim-MS, de modo especial, ao nosso interesse pelas experiências de linguagem dos sobreviventes do Hospital São Julião em Campo Grande-MS. Optamos pela poesia, uma vez que o gênero aproxima aqueles que escrevem a partir da experiência de língua com o fato de que é preciso amenizar as angústias e vencer os preconceitos em relação à hanseníase e aos desdobramentos sociais vividos. Assim, interessamo-nos pela leitura das marcas de subjetividade, na enunciação inscrita, nos testemunhos do “eu”, no poema “Quem sou eu?”, de Lino Villachá (1976). Elegemos para o *corpus* de pesquisa e a partir dele voltamo-nos ao *corpus de análise*. Idealizamos os seguintes questionamentos: Que sujeito emerge na enunciação escrita? Quais as marcas subjetivas deixadas como testemunho na enunciação no poema? Para respondê-los partimos da relação entre o *eu/tu* e o *ele*. Observamos as marcas deixadas pelo sujeito na língua, o objeto do enunciado, uma vez que cada enunciação remete a um “eu” distinto e único, e do outro lado um “tu” também diferente e complementar por conta da relação de proximidade existente entre o “eu/tu” no discurso e o “ele”. Na análise do poema identificamos as marcas de subjetividade e as circunstâncias enunciativas em duas relações interlocutivas o monólogo e o diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Enunciação; 2. Subjetividade; 3. Testemunhos.

ABSTRACT

This work follows the theoretical path of Linguistics of Enunciation in the light of thought of Émile Benveniste (1976), from the work *Problems in General Linguistics - PGL I*, and of dialogues of this theory with the concept of testimony and witness, in Giorgio Agamben (2008). The choice of route combines experience lived in the Course of Languages and Literature and the exercise of the profession in the area of health, in Jardim-MS, In particular, to our interest in the survivors' language experiences from São Julião Hospital in Campo Grande-MS. We opted for poetry, since this genre approaches those who write from the language experience with the fact that it is necessary to relieve the anguish and overcome prejudices regarding leprosy and to the social developments experienced. Thus, we are interested in reading subjectivity, in the inscribed enunciation, in the testimonies of the self in the poem *Quem Sou Eu?*, by Lino Villachá (1976). We have chosen to search the corpus and from it, we have returned to the corpus of analysis. We have idealized the following questions: Which Subject emerges in written enunciation? Which subjective marks are left as testimony in the enunciation of the poem? To answer them, we started with the relationship between the self/you and him. We observed the marks left by the subject in the language, the object of the enunciation, since each enunciation refers to a distinct and unique "self" and the other side a "you" also different and complementary due to the proximity relation between the "the self/you" in the speech and the "him". In the analysis of the poem we have identified the marks of subjectivity and the enunciative circumstances in two interlocutive relations, the monologue and the dialogue.

KEYWORDS: 1. Enunciation; 2. Subjectivity; 3. Testimony

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 Noção de <i>testemunho</i> em Agamben.....	13
1.2 – Percursos teóricos da Linguística proposta por Benveniste.....	15
1.2.1 – O conceito de enunciação a partir das categorias de pessoa.....	17
1.2.2 – A subjetiva instaurada no discurso a partir das relações interlocutivas.....	20
1.3 – Conceito de monólogo e diálogo para a Enunciação.....	22
CAPÍTULO II - CIRCUNSTÂNCIA ENUNCIATIVA.....	24
2.1 Definição do <i>corpus da pesquisa</i>	26
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso segue pelo percurso teórico da Linguística da Enunciação, à luz do pensamento de Émile Benveniste (1976), a partir da obra *Problemas de Linguística Geral – PLG I*, e de diálogos desta teoria, com o conceito de *testemunho* e de *testemunha*, em Giorgio Agamben (2008) e algumas discussões literárias sobre a instauração do *eu*.

A escolha do percurso alia a experiência vivida no Curso de Letras e ao exercício da profissão na área da Saúde, em Jardim-MS, de modo especial, ao nosso interesse pelas experiências de linguagem dos sobreviventes do Hospital São Julião¹ em Campo Grande-MS. Para tal realidade de pesquisa, optamos pela poesia, uma vez que o gênero aproxima aqueles que escrevem a partir da experiência de língua com o fato de que é preciso amenizar as angústias e vencer os preconceitos em relação à hanseníase e aos desdobramentos sociais vividos.

Assim, interessamo-nos pela leitura das marcas de subjetividade, na enunciação inscrita, nos testemunhos do *eu*, no poema *Quem sou eu?*, de Lino Villachá. Elegemos para o *corpus* de pesquisa e a partir dele, idealizamos aos questionamentos: Que sujeito emerge na enunciação escrita? Quais as marcas subjetivas deixadas como *testemunho* na enunciação no poema? Para respondê-los partimos da relação entre o *eu/tu* e o *ele*.

O nosso interesse está em observarmos as marcas deixadas pelo sujeito na língua, o objeto do enunciado, uma vez que cada enunciação remete a um *eu*, distinto e único, e do outro lado um *tu* também diferente e complementar por conta da relação de proximidade existente entre o *eu/tu* no discurso e o *ele*. Acreditamos que a enunciação seja um ato, por isso, único e singular, tanto que é irrepetível, com isso elegemos os seguintes objetivos específicos desta monografia:

- ✓ Realizar leituras teóricas de dois capítulos teóricos da obra *Problemas de Linguística Geral - PLG*, tomo I, aliadas às leituras da obra, *O que resta de Auschwitz*, considerando para isso a relação do valor do testemunho e da constituição de *eus* instaurados no discurso.

1 Centro de referência para tratamento de hanseníase na América Latina, o Hospital São Julião de Campo Grande- MS dispõe de moderna estrutura física, com equipamentos de última geração que proporcionam o que há de melhor e mais atualizado na terapêutica, prevenção e reabilitação da hanseníase e outras alterações dermatológicas.

- ✓ Analisar marcas subjetivas de constituição do ‘eu’ e do ‘tu’ nos processos interlocutivos que determinam o monólogo e o diálogo.

A partir dos objetivos específicos, esclarecemos ao leitor a organização dos Capítulos da pesquisa para que se possa ter uma visão ampla do todo. No I Capítulo, ***Fundamentação Teórica***, apresentamos os recortes de leituras visto que cada capítulo da obra PLG, tomo I e II, constroem uma trama teórica específica para um público, decorrente de circunstâncias únicas que compõem fios distintos que se somam em prol da Teoria, apresentando uma reflexão partindo da análise de capítulos específicos de sua obra da PLG I, destacando a *Natureza dos Pronomes e Da Subjetividade na Linguagem*, que compreende assim o ato da enunciação e a categoria de pessoa bases do estudo de Benveniste, pois apresenta a concepção de que a linguagem só se concretizará de forma efetiva quando o falante se colocar como sujeito em seu processo de enunciação.

Apontamos também o conceito de testemunho em Agamben (2008), que trabalha a ideia da explicação da língua como algo vivo, sendo ela uma construção realizada pelo falante através de seu testemunho de uma experiência vivida até o final, explicando assim que o testemunho irá, através da enunciação, reconstruir algo que se passou.

A escolha pela poesia justifica-se na fala de Santos (2013) que defende a poesia como forma de enunciação capaz de eternizar um evento único, ultrapassando o campo da racionalidade apresentando assim a ideia de que o texto poético:

[...] texto poético moderno é feito para ser lido, tendo em vista ainda a diferenciação estabelecida por Benveniste entre enunciação e enunciado, podemos entender a enunciação em poesia, assim como sempre ocorreu com outros textos escritos, pode se dar não no ato de um locutor determinado, mas num ato de leitura, que, por sua vez, “reproduz” a enunciação primeira (do locutor). (SANTOS, p. 69)

Para Santos (2013), ao viver o ato da enunciação, o leitor pode viver a realidade representada no ato da locução poética reconstruindo de diversas formas a situação enunciada estabelecendo assim outra subjetividade.

Ao construirmos o capítulo ***Circunstância Enunciativa***, procedemos à distinção entre *corpus de pesquisa* e *corpus de análise*. A distinção compreende elucidar que o *corpus de pesquisa* corresponde ao conjunto de poemas reunidos na obra intitulada *A dor, o amor e a vida na poesia de Lino Villachá*, aqui, e *corpus de análise* é o recorte, num primeiro momento, a seleção do poema *Quem sou eu?* e os demais procedimentos

teórico-metodológicos de análises. Aqui, optamos não referirmos às estrofes, mas sim, ao termo cunhado por Benveniste (1976, p. 287) *circunstância enunciativa*, por considerarmos as marcas do *eu* no discurso, e os sentidos produzidos cada vez que são instaurados.

Na segunda fase da pesquisa visamos apresentar a análise enunciativa do poema, por conta da revisão bibliográfica de Benveniste (1976), na qual dedicamo-nos de modo pontual aos capítulos da obra PLG: *A natureza dos pronomes e Da subjetividade na linguagem*, de Benveniste. Elegemos a noção de testemunho em Agamben (2008) e os aspectos interlocutivos para monólogo e diálogo na Literatura com Santos (2013) e Grégis (2006).

As **Considerações Finais** discutem a importância da Teoria da Enunciação de Benveniste para análise do eu e tu no *corpus* análise. Busca identificar as diferentes circunstâncias enunciativas em fases de vida que representam outros *eu*. O leitor encontra os testemunhos dos processos interlocutivos em monólogo e diálogos.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os sobreviventes, como pseudo testemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta. [...]. (Agamben, 2008 p. 43)

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser [...] (Benveniste, 1976 p. 286)

Este Capítulo apresenta uma reflexão sobre as teorias relacionadas à subjetividade da linguagem a partir das leituras do capítulo da obra *Problemas de Linguística Geral*, PLG I, *Natureza dos Pronomes* de Benveniste e Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste com Valdir Nascimento Flores (2013) e demais linguistas da Enunciação, com vistas a compreender a respeito dos sentidos que emergem quando o sujeito diz “eu” e as manifestações da subjetividade no discurso.

Além das discussões sobre a categoria de pessoa e a subjetividade na linguagem com Benveniste (1976), iremos utilizar das discussões do filósofo Agamben (2008), para a questão de testemunho muito importantes para a análise enunciativa do *eu*, tema do Capítulo II deste TCC, isto porque o poema analisado serve como testemunho do autor, visto que o *eu-poético*, ou locutor, para explicar o testemunho vivido e transmitido através da língua a experiência, suas frustrações e emoções.

1.1 Noção de *testemunho* em Agamben

A primeira observação sobre a temática do testemunho está presente na construção da subjetividade e tem por referência a teoria de Agamben (2008), que se centra na explicação da língua viva realização do falante. Ao pensarmos na etimologia do termo testemunha podemos citar que, em latim, tem-se a explicação voltada à visão de um terceiro sujeito em um processo, ou em litígio entre dois contendores. Agamben (2008), defende que ele indica aquele “que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso” (AGAMBEN, 2008, p.27).

Nesta perspectiva, podemos afirmar que, para Agamben (2008), o conceito de testemunho significa se colocar como terceiro na fala, sendo alguém que vivenciou algo

e que quer dar seu testemunho disso afirmando que os sobreviventes do Holocausto são um exemplo disso, sendo eles ‘verdadeiras testemunhas’, pois vivenciaram a experiência do extermínio até seu último momento, sobreviventes que falam das experiências por proximidade, dando testemunhos de uma experiência traumatizante, mas que não chegaram a vivê-la até o fim.

Nesta linha de pensamento, Agamben (2008) afirma que:

[...] As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo”, os muçulmanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudo testemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta.[...] os submersos nada têm a dizer, nem tem instruções ou memórias a transmitir. Não têm “história”, nem “rostro” e menos ainda, “pensamento”. Quem assume para si o ônus de testemunhar por eles, sabe que deve testemunhar pela impossibilidade de testemunhar. (AGAMBEN, 2008 p. 43)

Usando desta tese, Agamben (2008) constrói sua compreensão de testemunho, ao criar uma ideia do que é dito e do que realmente pode-se dizer, usando do testemunho dos sobreviventes como exemplo de relato de uma barbárie inimaginável, fixando, assim, em seus testemunhos as verdades do que viram, proporcionando a necessidade de apresentar um testemunho, isto porque:

[...] o testemunho é o encontro entre duas impossibilidades de testemunhar, que a língua, para testemunhar, deve ceder o lugar a uma não língua, mostrar impossibilidade de testemunhar. A língua é uma língua que não significa mais, mas que, nesse seu ato de não significar, avança no geral, de quem, por definição, não pode testemunhar. [...] a impossibilidade de testemunhar, “lacuna” que constitui a língua humana, desaba sobre si mesma, para dar lugar a uma outra impossibilidade de testemunhar- a daquilo que não tem língua. (AGAMBEN, 2008 p. 48)

Agamben (2008) aponta a existência de dois termos para explicar a questão levantada na palavra testemunha, o primeiro é citado por ele como *testis*, sendo explicado como um sujeito que resolve uma situação de disputa um terceiro no discurso. Já ao citar o segundo termo, Agamben (2008) defende que a palavra em latim *superstes* irá referir-se a vivência de uma situação extrema que o possibilitou dar seu testemunho.

Portanto podemos afirmar que Agamben (2008) defende que o testemunho busca repensar e reconstruir algo que passou, assumindo o risco de, no presente, construir-se uma narrativa ilegítima, pois torna-se impossível para o testemunho narrar tal como

ocorreu, ora pelo fragmento das **Circunstâncias Enunciativas** por conta do recorte que fazemos dos testemunhos.

A análise linguística e filosófica do sentido da palavra testemunho têm relações diretas com outros fatos sociais e culturais, nas diferentes sociedades, por isso, aqui, estabelecemos relações de sentido de testemunho e de questões do sujeito no discurso quando das experiências vividas no leprosário, visto o processo dolorido do próprio tratamento e a exclusão, a qual, no passado, os locutores eram submetidos.

Na relação direta de que a Filosofia volta-se à Linguística, dada às relações de sentido, estabelecemos para o próximo item as discussões a respeito dos percursos da teoria.

1.2 – Percursos teóricos da Linguística proposta por Benveniste

Ao estudarmos a obra de Benveniste (1976) podemos ressaltar que o linguista desenvolveu estudos voltados aos problemas de linguagem geral, possuindo por fonte de suas obras de Saussure entre muitas outras influências como Michel Bréal, Alexander von Humboldt e Edmund Gustav Albrecht Husserl e inúmeros outros estudiosos de diferentes áreas, entre elas a Filosofia, a Gramática, a Literatura, a Antropologia e a Psicanálise.

Flores (2013, p.19) destaca que “é difícil ler Benveniste” porque sua obra apresenta ideias que ultrapassam o campo da enunciação, sendo necessário que o leitor busque focar *eu* estudo em parte da obra, em uma temática isto porque “as fontes de Émile Benveniste são muitos e, através delas, o autor diz muito sobre fonologia, sintaxe, semântica, morfologia, pragmática e sobre outros tantos níveis de análise linguística” (FLORES,2013, p.22).

Outro fator a ser considerado durante a leitura da obra de Benveniste está relacionado ao fato de compreender a relação conceitual em que cada elemento se faz constituído, sendo, portanto difícil ocorrer o estudo de um elemento isolado do outro.

É importante também lembrar que Flores (2013) lembra que o linguista sírio naturalizado francês, não trata sempre do mesmo ponto de vista, isto porque “a ênfase do estudo que propõe depende de seus interlocutores (filósofos, lógicos, psicólogos, linguistas, dentre outros), dos objetivos de descrição e análise das línguas que faz e das relações que estabelece com outras áreas” (FLORES, 2013, p.27) criando, assim, várias possibilidades de trabalhar com sua teoria. Flores (2013) ressalta também que “o

trabalho de Benveniste sobre a enunciação não deve ser entendido de um modelo acabado” (FLORES, 2013, p.30) isto porque este estudioso da língua apresenta variações em sua teoria, pois o estudioso não trabalha a enunciação do mesmo ponto de vista, para Flores (2013) seus estudos irão depender dos interlocutores aos quais ele fala, levando em conta também a análise e a relação que irá estabelecer ao trabalhar sua teoria de enunciação, deixando claro que “cada texto de Benveniste propõe categorias de análise, teoriza sobre elas e desenvolve as análises dentro desses limites” (FLORES,2013, p.29).

Sabemos que, por exemplo, como citado por Flores (2013), a noção de enunciação presente na obra de Benveniste escrita em 1950, não se assemelha a presente na obra escrita em 1970, isto porque o autor incorpora em suas obras as alterações conceituais presentes mostrando assim em sua obra a alteração e diferenciação dos conceitos presentes em diferentes épocas, portanto é importante ressaltar que os pressupostos teóricos presente nas obras de Benveniste são movidos por atualizações constantes. O estudo da subjetividade e a natureza dos pronomes presentes nas teorias de estudos dos PLG I.

Outra dificuldade apresentada na leitura da obra de Benveniste e o uso dos termos homonímicos, ou seja, apesar de utilizar termos idênticos, apresenta um estudo do ponto de vista de seu significado, Flores (2013) destaca que para se entender a obra de Benveniste é necessário que seja feita a observação das questões textuais referente ao uso da sinonímia, polissemia e homonímia.

Flores (2013) aponta que a homonímia existe de forma terminológica dentro de um mesmo texto. Apontando que o linguista Benveniste usa o mesmo vocábulo para conceitos muito diferentes entre si, dentro do mesmo texto. Por exemplo, o uso do termo frase no texto, para diferenciar os níveis da análise linguística. Nesta mesma perspectiva Flores (2013) destaca que também ocorre uma relação de uso da sinonímia, dentro de um mesmo texto, ou seja, Benveniste utiliza de diferentes vocábulos para um mesmo conceito. Por exemplo: os usos de situação de discurso e de instância de discurso em *A natureza dos pronomes e enunciação*, em *O aparelho formal da enunciação*.

Para Azevedo (2014), ao estudarmos Benveniste, estamos entrando em contato com princípios linguísticos que nos levam a compreender que o sujeito é capaz de utilizar a fala e a escrita para apropriar-se de estruturas universais da linguagem para a

construção de um significado. A autora ainda ressalta que Benveniste “é capaz de se relacionar, assumindo seu papel de ciência indissociável, com outros saberes teóricos” (AZEVEDO, 2014, p.51).

Benveniste, em sua obra PLG I, apresenta dois capítulos teóricos que fundamentam nossa discussão o que discute a *Da subjetividade da linguagem*, apresentando a tese de que a linguagem somente se concretizará quando o falante se colocar como sujeito em seu processo de enunciação. No capítulo *Natureza dos pronomes* encontramos afirmações que explicam que o *eu* e o *tu* são participantes do ato de enunciação e que fazem parte da categoria de pessoa, pois através destes pronomes os sujeitos constroem o sentido da interatividade no discurso, Benveniste destaca que é importante que se veja a linguagem como uma forma viva, solidária e coletiva, introduzindo-o em seu contexto social através do dialogismo, trazendo com ele a sua história.

Portanto, sobre o conceito de discurso, abordado na obra de Benveniste, podemos afirmar que a concepção apresentada pelo estudioso está voltada ao entendimento da língua e linguagem de forma a defender a subjetividade.

É importante também analisarmos que a enunciação, de acordo com Benveniste (PLGI, 1976, p.286), é um ato individual de utilização da língua presente em todo discurso linguístico, este ato é realizado pela pessoa que está relacionada à representação textual dos pronomes pessoais e os verbos. Para este estudioso da enunciação, as pessoas do discurso são *eu* que é considerado como subjetivo, o *tu* pessoa não subjetiva e ele que é visto como não pessoa.

1.2.1 – O conceito de enunciação a partir das categorias de pessoa

Na obra PLG I, Benveniste (1976) apresenta, então, a ideia de que o *eu* representa o homem, o indivíduo, o locutor, a pessoa do *eu*, principalmente, em textos falados, sendo que cada *eu* tem sua referência própria, afirmando que o *eu* não deve-se referir a um indivíduo em particular e sim ao ato do discurso, no qual é pronunciado, sendo ele considerado o sujeito da enunciação pois só existe o *tu* em função do *eu* e só existirá o ‘eu’ por causa do ‘tu’ e ambos trocam de posição durante a enunciação como citado por Benveniste:

eu é o "indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*". Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de "alocução", obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como o "indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu*". Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem. (BENVENISTE, 1976, p. 279)

Flores (2013 p. 94) afirma que na Teoria de Benveniste, PLG I, o *eu* é apenas identificado através da instância de discurso que o contém, tendo o *tu* uma relação simétrica ao *eu*, para ele o *eu* e o *tu* como uma categoria de linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem” (Flores, 2013, p.94), definindo-os como posições na linguagem que é imposta ao falante que se vê como pessoa ou não pessoa no momento da interlocução comunicativa.

É certo que Benveniste (1976) trata o *eu* como um enunciado de referência própria isto, porque corresponde no momento enunciativo a um ser único proposto como tal, ou seja, de acordo com o autor o *eu* só poderá ser definido em termos de locução como um signo nominal, presente na enunciação do sujeito e nunca de um objeto, sendo que este pronome significa “[...] a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém o eu” (BENVENISTE, 1976, p. 282). Sendo assim, o *eu* e o *tu* são categorias da linguagem relacionando-se com a sua posição na língua, isto porque o *eu* é o sujeito que irá enunciar a presente instância do discurso como destaca Benveniste (1976)

Sendo assim, os pronomes objetos de representação do sujeito que possuem uma série de indicadores demonstrativos como advérbios. Os advérbios são palavras que se mostram trazendo da enunciação uma função comunicativa intersubjetiva. Para Benveniste (1976) o “eu” forma um signo pleno, apresentando assim uma marcação que caracteriza tanto o eu como o tu. O estudioso destaca que :

[...] a identificação do objeto por um indicador de ostentação concomitante com a instância do discurso que contém o indicador de pessoa: *esse* será o objeto designado por ostensão simultânea “ a presente instância do discurso, a referência implícita na forma (por exemplo, *hic* oposto a *iste*) associando-o a *eu*, a *tu*. [...] no mesmo plano e associados a mesma referência, encontramos o advérbio aqui e agora. [...] *aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. (BENVENISTE, 1976 p.279)

Vale assim destacar que o linguista defende uma tese na qual a ação da pessoa é representada por um indicador de tempo, e de lugar, ocorrendo, assim, uma correlação

entre o pronome e os indicadores demonstrativos “*eu: ele – aqui:lá – agora: então – hoje: no mesmo dia – ontem: na véspera – amanhã: no dia seguinte – na próxima semana: na semana seguinte – há três dias: três dias antes*. A própria língua revela a diferença” (BENVENISTE, 1976, p.278) ,para o teórico é a enunciação que irá remeter a realidade no espaço e no tempo.

Nesta perspectiva, de Flores (2013, p.30) afirma que não existirá enunciação sem locutor; é ele quem irá fornecer o instrumento de conversação da linguagem que é assumida como exercício pelo indivíduo. Como ressalta também Benveniste (1976, p.30), pois defende que quando o sujeito se apropria dela, a linguagem se torna em parte do discurso, diferenciadas por esse sistema de alusões internas cuja chave é *eu*. Assim, o linguista brasileiro destaca que Benveniste, em sua teoria de PLG I, vê o discurso como toda enunciação que “suponha um locutor e um ouvinte, no primeiro, a intenção de influenciar , de algum modo, o outro” (PLG I: *apud* Flores,2013, p.31) para o estudioso o ato de enunciar visa converter a língua em discurso.

Podemos perceber até aqui o discurso como manifestação da enunciação, para Flores, Benveniste (1976) defende o *eu* como uma instância única no discurso, podendo ser identificado apenas pela instância do discurso que o contém, possuindo indicadores como traço que une a *eu/tu*. Para Flores (2013, p. 41), este termo possui características conceituais como a “unicidade, tempo e espaço simultâneos à atualização enunciativa, contemporaneidade dos indicadores de subjetividade”.

Podemos então analisar a enunciação como parte do homem e sua interação com a língua, Benveniste (1976) e Flores (2013) destaca que a ideia de que:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não vemos nunca inventando- a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (PGL I, p.285 *apud* Flores 2013, p. 43)

Percebemos, então, que os pronomes não possuem uma classe unitária, mas sim um modo de linguagem do qual são signos, destacando a análise do *eu* referindo-se a ele como um nome de referência lexical, pois ele inclui em seu sentido aqueles que o utilizam afirmando que não podemos imaginar um texto científico, por exemplo, no qual o *eu/tu* não apareça. Flores (2013) explica esta situação afirmando que Benveniste

em sua teoria de PLG I defende a concepção de que cada *eu* tem sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal (Flores 2013, p. 57).

É importante ressaltar que Benveniste (1976), no capítulo sobre a *Natureza dos pronomes*, da obra PLG I, apresenta uma nova divisão para os pronomes classificando-os como pronome que pertence à sintaxe e o eu e o tu, objetos deste estudo, como pronomes da enunciação que pertencem à instância do discurso e que são atualizados pelo locutor que os utiliza. Benveniste (1976) ressaltava que “Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será minha alocução em tu. [...] que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa por eu” (BENVENISTE, 1976, p. 286).

Desse modo, o *eu* não pode ser visto como um conceito, ou como um indivíduo particular, pois refere-se ao ato individual do discurso no qual é utilizado, como já dito anteriormente, o eu será o centro da enunciação, sendo que só existirá o *tu* em função do eu e durante o processo de enunciação o *eu* e o *tu* trocam posições.

É fundamentado nesta interação e relação comunicativa existente entre o eu e o tu durante o processo de comunicação enunciativa que a subjetividade surge, pois o eu e tu, na concepção de Benveniste, (1976), representam a indicação de pessoa, isto porque através do uso da linguagem, o homem irá constituir-se como pessoa, se colocando como pessoa, através da subjetividade o locutor é capaz de colocando-se como sujeito, remetendo-se a ele próprio como um eu em seu próprio discurso.

1.2.2 – A subjetiva instaurada no discurso a partir das relações interlocutivas

De acordo com Azevedo (2014), Émile Benveniste investiga os processos enunciativos presentes no ato individual da fala “pela qual o locutor apropria-se da língua para transformá-la em discurso” (AZEVEDO, 2014, p.12) tendo aqui a subjetividade da língua que trabalhará marcas do lugar no qual o eu na enunciação estará presente.

É preciso considerar que a subjetividade da linguagem defendida por Benveniste busca trabalhar a categoria de pessoa, destacando que para o estudo da Subjetividade “(...) os pronomes pessoais são os primeiros ponto de apoio para essa relação” (BENVENISTE, 1996 *apud* AZEVEDO, p.59) estudando assim os princípios enunciativos dos pronomes *eu* e *tu* na condução da linguagem e do discurso interligando assim, durante o processo de comunicação, o discurso, o homem e a

linguagem. Para Azevedo (2014, p.61), “A Teoria da Enunciação benvenistiana tem contribuído para a Ciência Geral do homem”, isto porque considera o processo como meio da subjetividade na linguagem trabalhada por Benveniste levando em conta que o homem só consegue comunicar-se através do rompimento do signo, promovendo a transformação da língua em discurso.

É necessário frisar que a subjetividade leva em consideração todas as características do diálogo, frisando que é importante trabalhar a relação entre quem fala e quem ouve, tendo por ferramenta a língua, isto porque, de acordo com Azevedo (2014) o sujeito só irá existir na medida em que se fala.

Outro fator existente sobre a subjetividade, destacado por Azevedo (2014), que ela é usada para interpretar a realidade ocorrendo apenas quando o locutor munido da presença do *tu* faz o uso da apropriação de seus conhecimentos de língua, tendo a presença variável da ordem enunciativa baseando-se na circunstância comunicacional isto porque se considera o “fenômeno da temporalidade e espacialidade como marcas do sujeito na instância do discurso”(AZEVEDO, 2014, p.119), estas marcas, segundo o linguista Benveniste, estão presentes no interior do discurso, trabalhando assim a temporalidade humana com o uso de uma subjetividade própria do exercício da linguagem, não podemos esquecer que de acordo com Benveniste (1976, p.289) o presente é o tempo em que se fala, e:

A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso. O *Dictionnaire général* define o *presente* como "o tempo do verbo que exprime o tempo em que se está". Devemos tomar cuidado; não há outro critério nem outra expressão para indicar "o tempo em que se está" senão tomá-lo como "o tempo em que se *fala*". Esse é o momento eternamente "presente", embora não se refira jamais aos mesmos acontecimentos de uma cronologia "objetiva" porque é determinado cada vez pelo locutor para cada uma das instâncias de discurso referidas. O tempo lingüístico é *sui-referencial*. Em última análise, a temporalidade humana com todo o seu aparato lingüístico revela a subjetividade Inerente ao próprio exercício da linguagem.

Nesta linha de pensamento Benveniste (1976) destaca que a linguagem em sua temporalidade possibilita a subjetividade, isto porque permite que cada leitor através do processo de interlocução venha a se apropriar de referentes que permitam o leitor a se definir como o *eu* e o *tu* em qualquer instância do discurso, provocando no interlocutor uma necessidade de interagir com a ideia presente, pois é na linguagem e

pelo processo de comunicação que identificamos as marcas de subjetividade de um eu cultural e social.

1.3 – Conceito de monólogo e diálogo para a Enunciação

Ao analisarmos as diferentes concepções sobre diálogo e monólogo dentro do ato enunciativo elegemos por autores Santos (2013) e Grégis (2006) que explicam e ressaltam suas semelhanças e diferenças.

Para Grégis (2006) o diálogo constitui-se da natureza interdiscursiva da linguagem, em que *eu* e *tu*, durante o ato enunciativo, confrontam-se e discutem na tentativa de se entender, o linguista ainda ressalta que não há comunicação se não existir uma harmonia no diálogo.

Portanto, podemos afirmar que no diálogo há a presença do locutor e do interlocutor, como afirma Santos (2013, p.57), “[...] se o locutor e interlocutor existem, decorre que existem no espaço e tempo (linguísticos). A ocorrência do texto escrito, fictício ou não, revitaliza estas afirmações, mas não as invalida”, isto porque a situação enunciativa presente no diálogo é construída através do uso da linguagem, no qual o locutor expressa sua relação com o mundo.

Assim podemos também afirmar a existência de um diálogo dentro do monólogo porque de acordo com Grégis (2006) há uma interação enunciativa entre o *eu* e o *tu*, mesmo este estando dentro de um mesmo sujeito, isto porque o *eu* e o *tu* se fazem presente “em uma sociedade, em uma cultura, interagindo com outros seres que vivem em uma mesma dimensão histórica” (GRÉGIS, 2006, p.02).

Através da comunicação enunciativa que um diálogo apresenta, podemos afirmar que em um monólogo pode ocorrer esta mesma enunciação entre o *eu* e o *tu*, estando estes presentes em uma mesma pessoa, havendo um eu e um tu que se opõem, promovendo um diálogo interno na busca por reconhecer-se em si mesmo, para Grégis (2006) isto ocorre através de um monólogo polifônico proporcionando um cruzamento de vozes em si mesmo a partir deste diálogo interno.

No poema “Quem sou eu” de Lino Villachá podemos identificar este monólogo, pois a enunciação promove no leitor e no *eu-lírico* uma forma de autoconhecimento, isto que ocorre um diálogo polifônico entre o eu criança, o eu adulto, o eu poeta durante

todo desenrolar de sua poética, ocorrendo como veremos na análise do Capítulo II um diálogo interiorizado entre o *eu* ouvinte e o *eu* locutor.

CAPÍTULO II

CIRCUNSTÂNCIA ENUNCIATIVA

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de A "subjetividade" de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como "sujeito". (Benveniste, 1976, p.286)

Quem sou eu, então?
- Um galho decepado pela tempestade,
que rebrotou ao pé do tronco
para estar presente na primavera... (Villachá, 1976)

Em *Circunstância Enunciativa*, capítulo em que estudamos a situação materializada no poema através da subjetividade do discurso, analisaremos o uso dos *eus* para apresentar uma subjetividade ideológica, com base nos estudos da PLG I (BENVENISTE, 1976) apresentando uma análise dos elementos relacionados à enunciação durante a interlocução comunicativa no processo de construção da mensagem.

Iniciando pela distinção do *corpus de pesquisa* que, de acordo com Fiorin *et al* (2013, p.16), pode ser conceituado como “o recorte que se faz do conjunto, tendo em vista os objetivos da pesquisa”, na análise proposta neste estudo temos por *corpus de pesquisa* o poema “*Quem sou eu?*” de Lino Vilachá, um poema presente na obra intitulada *A dor, o amor e a vida na poesia*, tendo como *corpus de análise* o recorte de partes do poema para apresentar a estudo das circunstâncias enunciativas que trabalham os vários *eus* da enunciação, suas marcas de subjetividade e os testemunhos presentes no *corpus* da análise.

Por meio da análise conseguimos responder aos questionamentos, Que sujeito emerge na enunciação escrita? Quais as marcas subjetivas deixadas como testemunho na enunciação no poema? Para respondê-los partimos da relação entre o *eu/tu* e o *ele*.

Portanto, a ênfase da análise não em aspectos estéticos do poema, mas nas marcas linguísticas enunciativa destacando a importância do *eu* e os diferentes momentos enunciativos que ele instaura no discurso.

Além do direcionamento da linguística da enunciação, relacionamos a questão do conceito de testemunha estudado pelo filósofo italiano, Agamben (2008), o

mulçumano, aquele que foi completamente desubjetivado pelo dispositivo de Auschwitz, perdendo a capacidade de se comunicar, perde sua língua e, com ela, perde sua bios, a capacidade humana de viver; apenas sobrevive em suas funções vitais.

Iniciamos destacando os ambientes retratados por Villachá (1976) e por Agamben (2008) que são distintos, no entanto, aproximam-se quanto ao fato de testemunharem as exclusões. No leprosário, os pacientes eram isolados por serem considerados um perigo mortal por conta do bacilo da hanseníase. Assim, no intuito de evitar a proliferação da doença, retiravam do convívio as pessoas, causando muito sofrimento pelo isolamento e discriminação. O ambiente do campo de concentração era um espaço de destruição de judeus em nome da purificação social e étnica, tanto um quanto o outro havia o perigo eminente.

Grégis (2006, p.02), linguista, defende que “no caso do monólogo, o *eu* e o *tu*, mesmo estando dentro de um mesmo ser, estão sempre inseridos em uma sociedade”, colocando - se como sujeito de forma subjetiva como um eu em seu próprio discurso. O sujeito usa do eco do próprio *eu* na enunciação, isto porque se há um *eu* tem que haver um “tu”. Isto está presente nas afirmações de Benveniste (1976), pois o linguista afirma que a relação de diálogo entre o *eu* e o *tu* ocorrem durante todo o processo de enunciação, afirmando assim que:

Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois 'implica em reciprocidade que eu me torne *w* na alocução daquele que por sua vez se designa por *eu*. (Benveniste, 1976, p.286)

Podemos perceber que no poema de Lino Villachá “Quem Sou eu” temos a execução de um monólogo, isto porque o poeta utiliza-se da enunciação para promover “um maior autoconhecimento, e esse autoconhecimento necessita de um outro para se desenvolver. Esse outro pode ser uma outra voz dentro de nós mesmos” (GRÉGIS, 2006, p.3), no caso apresentado temos ações enunciativas que se apresentam através do uso do eu para apresentar a reflexão do eu-lírico.

2.1 Definição do *corpus da pesquisa*

Neste item 2.1, estaremos apresentando em um primeiro momento o *corpus* da pesquisa, não esquecendo que para Fiorin *et al* (1976) o *corpus* da pesquisa é a parte, o recorte de uma obra para a análise de objetivos próprios, neste estudo temos por *corpus* o poema Quem sou eu? Escrito em 1976 por Lino Villachá, é uma obra que faz parte de uma literatura de resistência, sendo o primeiro no livro *A dor, o amor e a vida na poesia de Lino Villachá*, pois foi escrita por um poeta que vivenciou o drama da hanseníase em sua família desde sua adolescência, isto porque seus pais e três dos cinco irmãos foram confinados na colônia de tratamento do atual hospital São Julião em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A obra mostra a passagem do homem ao poeta que busca, através de sua obra, transmitir o cotidiano do São Julião, a partir das vivências de dores e sofrimentos dos sintomas da doença que tomava conta de seu corpo. É poeta ao sujeito que se tem a enunciação do “eu” que conta sobre as mutilações e demais limitações causados pela hanseníase comuns em tantos outros homens que sobreviveram à internação no São Julião, em Campo Grande – MS.

Em função de cumprir os objetivos de análise do poema “*Quem sou eu?*” de Lino Vilachá, identificamos como *corpus de análise* o recorte de partes do poema para apresentar o estudo das circunstâncias enunciativas que trabalham os vários *eus* da enunciação, suas marcas de subjetividade e os testemunhos presentes nas circunstâncias enunciativas presentes na fala dos inúmeros *eus* identificados através do testemunho presente na fala do eu criança, do eu poeta, do eu adulto, do eu ‘árvore’.

Cabe ressaltar que a escolha deste poema tem relação com o acompanhamento e monitoramento de pacientes de Hanseníase do Município de Jardim- MS, que são encaminhados para o Hospital São Julião, Campo Grande - MS, quando apresentam falência no tratamento de primeira escolha, ou as reações adversas. Assim tivemos contato com os vários poemas presentes na capela da instituição, atentando-se para o *corpus* da pesquisa após leitura da obra *A dor, o amor e a vida na poesia*, percebemos a presença dos elementos e as marcas de enunciação de um testemunho *testis* deste evento, despertando a necessidade de analisar e identificar as marcas enunciativas presentes na obra.

Assim, após a apresentação do *corpus* de pesquisa estaremos em um segundo momento, identificando o *corpus* de análise no qual iremos proceder aos recortes enunciativos a tem-se com isso o *corpus* de análise.

QUEM SOU EU?

Quem sou eu?
Um menino que aos doze anos ficou doente
e foi internado em um leprosário
em estado avançado.
Não sabia da gravidade do seu mal
foi até uma felicidade poder brincar
com outros meninos, caçando, pescando,
brincando de Tarzan no córrego de Botas

Vinte e cinco depois,
em sucessivas cirurgias,
perdera os pés;
as mãos se paralisaram,
uma perna amputada...
A impossibilidade de usar perna mecânica
lhe trouxe uma cadeira de rodas,
que passou a ser suas pernas.
Mas como sempre encontrou uma maneira
de sentir-se útil aos outros
e, sobretudo, porque ama e é amado,
é imensa e entusiasticamente feliz.

Quem sou eu, então?
- Um galho decepado pela tempestade,
que rebrotou ao pé do tronco
para estar presente na primavera...

Quem seria eu?
Quem seria se tivesse as pernas,
se tivesse as mãos,
se fosse perfeito,
se não precisasse arrastar-me pelo chão?

Eu seria um outro,
precisando desesperadamente saber
que um galho arrancado pelo brotar,
só pé do tronco,
outra vez, ainda a tempo de viver...

Quem sou eu?
Um galho ou todos os galhos arrancados
que renasceram ao pé do tronco
ainda a tempo da primavera...

Eis aqui minha flor...
Por isso é preciso
que a semente desse entusiasmo voe,
que a semente desta fé Deus
(que colhi com minhas mãos em garra)
seja levada pelo vento, pelos pássaros,

pelo vento voando como semente de capim
e brote em todos os campos,
para dar vida as novas vidas...

É preciso
que o sorriso que agora sorrio
vá adiante sorrindo...
E que a dor e a tristeza
sejam como folhas mortas
prostradas a meus pés...
como minha lágrimas.

O testemunho de vida de Lino Villachá no poema *Quem sou eu?* representa o homem, o indivíduo, o locutor, a pessoa do eu, apresentando sua referência própria, representando assim a teoria de Benveniste (PLG I,1995) que apresenta que só existe o tu em função do eu e somente existirá o eu em função do tu e que ambos trocam posição durante a enunciação e o diálogo.

Na primeira circunstância enunciativa, a 1ª pessoa *eu*, é marcada pela categoria de pessoa que enuncia o passado: “menino”, “doze anos”, “doença”, De acordo com Benveniste (1976, p. 278) “eu significa a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu”.

Quem sou eu?
Um menino que aos doze anos ficou doente
e foi internado em um leprosário
em estado avançado.
Não sabia da gravidade do seu mal
foi até uma felicidade poder brincar
com outros meninos, caçando, pescando,
brincando de Tarzan no córrego de Botas

Percebemos na primeira circunstância enunciativa o uso do tempo verbal no presente do indicativo, sendo este classificado por Benveniste (1976) como o tempo verbal da enunciação sendo que na ação “Um menino que aos doze anos ficou doente/foi internado em um leprosário” sinalizando assim o passado a fase da infância do *eu* exemplificando o que afirma Benveniste (1976, p.289) ao apresentar uma reflexão sobre o uso da língua e da linguagem “de uma ou de outra maneira, uma língua distingue sempre “tempos”: quer seja um passado e um futuro, separados por um ‘presente’ ”.

Ao analisarmos o poema, podemos destacar também uso da preposição “até” que indica uma escalaridade semântica ...como foi o primeiro momento no leprosário

“Não sabia da gravidade do seu mal/foi até uma felicidade poder brincar/com outros meninos, caçando, pescando/brincando de Tarzan no córrego de Botas”.

Podemos afirmar que neste momento da enunciação, a criança (o ele), menino não tinha noção do que era um leprosário, ele testemunha e demonstra sua alegria por ter amigos e mesmo diante da situação viver parte de sua infância, apresentando ao leitor elementos de testemunho, ao contrário do menino citado por Agamben, pois a criança judia sabia que o campo de concentração, o maior holocausto da humanidade causava, dor, angústia e sofrimento constante, segundo o testemunho do primo Levi que destaca “cheios de busca de asserção, de vontade de libertar-se, de romper a tumba do mutismo” (AGAMBEN 2008, p. 46).

Neste primeiro momento, encontramos índices da criança promovendo um diálogo interno, criando uma interação entre o eu-lírico e suas emoções e lembranças se colocando como sujeito no ato da fala, usando da subjetividade para transmitir sua ação enunciativa:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de A "subjetividade" de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como "sujeito". Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência... (BENVENISTE, 1976, p.286)

O ato individual presente no processo de enunciação utilizado pelo autor apresenta uma expressão subjetiva do *eu*, e o *ele*, neste caso representado pelo “menino”, é dito como não-pessoa no ato enunciativo.

Ao analisarmos a segunda circunstância enunciativa presente no poema percebe-se a apresentação de vários *eus* no discurso, isto porque o ao usar o eu estaremos nos referindo ao ato do discurso de forma individual isto porque o eu é um termo que estará presente na instância do discurso como explica o linguista Benveniste:

eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. E um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e

que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como "sujeito". É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. (BENVENISTE, 1976, p.288)

De acordo com Benveniste (1976), o sujeito em sua subjetividade é acompanhado pela ação enunciativa do pronome *eu* e suas instâncias apresentam diferentes sujeitos em diferentes momentos enunciativos isto justifica-se porque há uma relação de indicador:

(...) essa relação do indicador à instância única que o manifesta, a língua recorre a uma de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros, e que se referem não mais à instância de discurso mas aos 'objetos "reais", aos tempos e lugares "históricos". Daí as correlações como eu :ele aqui :lá agora: então hoje: no mesmo dia ontem: na véspera - amanhã . no dia seguinte - na próxima semana : a semana seguinte há três dias : três dias antes, etc. A própria língua a diferença profunda entre esses dois planos. (BENVENISTE, 1976, p.268)

Fato este claramente enunciado no poema através das expressões “25 anos depois”, “perdera os pés”, “paralisaram as mãos”, “sempre”. Percebemos o uso de indicadores de tempo remetendo-se a realidade em seu espaço de tempo, na ação enunciativa a seguir podemos perceber o uso do verbo no pretérito mais que perfeito, indicando que o sujeito deixa de possuir algo concreto, parte de seu corpo, apresentando assim as marcas subjetivas temporais para descrever as fases vividas no passado, usando assim, da unicidade, tempo e espaço citados por Flores (2013, p.40) para através do ato da fala o *eu-lírico* transmitir a subjetividade e a atualização enunciativa:

Vinte e cinco depois,
em sucessivas cirurgias,
perdera os pés;
as mãos se paralisaram,
uma perna amputada...
A impossibilidade de usar perna mecânica
Lhe trouxe uma cadeira de rodas,
que passou a ser suas pernas.
Mas como sempre encontrou uma maneira
de sentir-se útil aos outros
e, sobretudo, porque ama e é amado,
é imensa e entusiasticamente feliz.

Aqui tem-se o *ele*, a terceira pessoa, há um afastamento do *eu* para que se possa descrever mais sobre o *ele* – menino que foi para o leprosário, que dá o seu testemunho apresentando fatos comuns para os sobreviventes da doença apresentando elementos que fazem parte do processo de reabilitação do doente, apresentando através de sua ação enunciativa as transformações físicas em decorrência da hanseníase destacando também as marcas do homem na língua, pois de acordo com Azevedo (2014) o homem se situa e se inclui em relação a sociedade, apresentando em sua enunciação marcas linguísticas que o identificam no poema trabalhado, podemos citar o trecho “A impossibilidade de usar perna mecânica/lhe trouxe uma cadeira de rodas”. Quais outras marcas?

Seguindo a circunstância enunciativa com a apresentação de seus sentimentos em relação à questão física, apresentando ao leitor que mesmo que as partes físicas eram retiradas, por causa da doença, ele apresentava uma reação positiva, pois se sentia útil apresentando uma força psíquica e características emocionais como felicidade e entusiasmo “é imensa e entusiasticamente feliz.”, também podemos citar a existência de sentimentos como amor e esperança “Mas como sempre encontrou uma maneira de sentir-se útil aos outros e, sobretudo, porque ama e é amado.”

Neste terceiro momento enunciativo, tem-se novamente a expressão da dúvida inerente ao ‘eu’. Ao enunciar a pergunta “Quem sou eu, então?”, homem mutilado pelo agravo da hanseníase faz-se uma metáfora entre o sujeito ‘eu’ e um “galho decepado”, “pé do tronco”, trazendo ao leitor a imagem da primavera ao qual as árvores e os troncos mesmo mutilados se transformam, evoluem, ressurgem. Afirmando que tanto a enunciação quanto a natureza passam por mudanças constantes.

Quem sou eu, então?
- Um galho decepado pela tempestade,
que rebrotou ao pé do tronco
para estar presente na primavera...

Neste momento podemos destacar a presença dos vários *eus* da enunciação, isto porque eles estão a todo “instante na boca de todos os locutores, no sentido em que há um conceito “árvore” ao qual se reduzem todos os empregos individuais de árvore” (BENVENISTE, 1976, p.288), ou seja, o *eu* aqui se refere ao ato de renovar-se, transformar-se superar-se, promovendo assim a transmissão da realidade por ele vivenciada através de seu testemunho e da sua subjetividade.

Flores destaca a partir do percurso teórico de Benveniste, em sua obra de PLG I, que não alcançaremos uma comunicação linguística se não considerarmos que a

linguagem é usada para auxiliar na definição do próprio homem e nunca o atingiremos de forma solitária, isto porque “ (...) não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (PGL I, p.285 *apud* Flores 2013, p. 43)

Na quarta circunstância enunciativa mostra a possibilidade “Quem seria eu?”, “tivesse pernas, mãos”.

Quem seria eu?
Quem seria se tivesse as pernas,
se tivesse as mãos,
se fosse perfeito,
se não precisasse arrastar-me pelo chão?

Na quinta circunstância enunciativa “outro”, não pessoa para Benveniste (1976, p. 282) “ A terceira pessoa”, representa de fato o membro não marcado pela correlação de pessoa. [...] não-pessoa é o único modo de enunciação possível para instância de discurso que não devam remeter as elas mesmas [...] Benveniste (1976, p. 282) [...] “ terceira pessoa” são inteiramente diferentes de *eu* e *tu*, pela sua função e pela sua natureza [...] as formas como eles, o, isso, só servem na qualidade de substitutos abreviativos: [...] substituem um ou outro dos elementos materiais do enunciado ou revezam com eles.

Eu seria um outro,
precisando desesperadamente saber
que um galho arrancado pelo brotar,
só pé do tronco,
outra vez, ainda a tempo de viver...

Para encerrar o estudo da subjetividade no poema, vale destacar o eu-lírico ao utilizar-se do eu, para anunciar-se como homem galho, usando a metáfora para apresentar ao leitor a possibilidade de renascer mesmo diante da dor que o acompanha, florescer a cada primavera mesmo que a vida lhe leve seus galhos.

Quem sou eu?
Um galho ou todos os galhos arrancados
que renasceram ao pé do tronco
ainda a tempo da primavera...

Ao observarmos a enunciação presente no poema podemos destacar que ele possui a demonstração da relação pessoal, temporal e espacial, podendo assim destacar que como defendido por Benveniste, a língua se faz presente na inclusão do falante no

momento da enunciação, sendo essa associada a vivência do sujeito que se fez testemunha *testis* (Agamben), pois ele narra uma experiência vivenciada por ele com as intensidades e consequências que qualificam seu testemunho.

O testemunho do poeta Lino Villachá por meio da poesia, descreve a “verdadeira testemunha”, no qual o sujeito relata a evolução da doença, deixando marcas psíquicas, físicas e emocionais durante toda a sua vida, seguindo a ideia de testemunho defendida por Azevedo(2014) argumenta que a testemunha tem seu lugar importante na enunciação isto porque considera o sujeito um sobrevivente aos fatos vivenciados, a autora destaca que “[...] o lugar de testemunha é fundamental na enunciação, considerando que o sujeito é o que sobrevive aos fatos e dá testemunho de si e dos outros. Por isso, é quem se desloca sempre como sujeito na instância do discurso.” (AZEVEDO, 2014, p.188). Portanto, o poema de Lino Villachá, apresenta vários eus, cada um representa uma fase na sua vida, momentos bons e ruins.

Identificamos no discurso que há a instauração do *eu-lírico* numa representação do sofrimento vivenciado pela grande maioria dos pacientes contaminados pelo agravo, não representando uma realidade mais atual na qual os pacientes contaminados ao tratarem a doença não possuem as cruéis reações adversas, alcançando a cura sem nervos e membros acometidos, nesta circunstância o sujeito será *superste* na perspectiva de Agamben (2008), acontecendo também no caso do Primo Levi “testemunhar pela impossibilidade de testemunhar”, mesmo sendo um sobrevivente do holocausto, não chegou ao fim “óbito”, a autêntica testemunha não é capaz de falar sobre o fato.

Assim podemos, perceber a importância do sujeito na enunciação, e o testemunho que permite saber dos acontecimentos, resgatando os sentidos das palavras e momentos de experiência do homem na língua, além de mostrar a importância do eu locutor e tu o alocutário. O Sujeito que emerge no poema são os vários *eus* quando poeta se propõe como “sujeito” no poema, designando um tu “na alocução”.

Outro fator importante para Benveniste (1976) são as experiências no poema do eu não é um indivíduo específico, mas o homem presente na língua e na linguagem.

O poeta Lino Villachá trouxe na sua obra um olhar diferente sobre a superação, e através da Teoria da Enunciação de Benveniste (1976), podemos ver que o poema é uma enunciação. A luz do pensamento de Benveniste é um campo muito amplo dentro na linguística, no entanto nos atentamos na *categoria de pessoa e na subjetividade da linguagem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos deixar de lembrar que, no poema *Quem sou eu?* de Lino Villachá, ocorre um monólogo interior um testemunho de vida, pois durante toda a ação enunciativa ocorre um diálogo entre o eu e o tu presentes no pensamento e nas lembranças do eu-lírico, criando assim uma relação de subjetividade enunciativa entre os vários *eus* presentes na poesia.

Ao trabalharmos os percursos teóricos da teoria da enunciação linguística temos elementos subjetivos em circunstâncias enunciativas analisadas, à luz do pensamento de Émile Benveniste (1976), a partir da obra PLG – I, promoveu-se um diálogo entre esta teoria e os conceitos de testemunho e de testemunha, em Giorgio Agamben (2008) e algumas discussões literárias sobre a instauração do eu.

Ao analisarmos as marcas de subjetividade presentes na obra *Quem sou eu?*, de Lino Villachá, encontramos a presença de vários *eus* da enunciação, isto porque eles estão presentes em todos os momentos de circunstâncias enunciativas presentes no texto, ora como criança apresentando uma expressão subjetiva do eu, ora como adulto apresentando através de marcas de temporalidade uma realidade enunciativa que representa as marcas subjetivas temporais para descrever as fases vividas no passado, usando assim da unicidade, tempo e espaço citados por Flores (2013, p.40) no intuito de provocar uma atualização enunciativa.

Ao observarmos estas marcas deixadas pelo sujeito durante seu processo de enunciação percebemos uma relação de monólogo polifônico no qual o sujeito remete-se a um “eu”, distinto e único, e do outro lado um “tu” também diferente e complementar por conta da relação de proximidade existente entre o “eu/tu” (ser que tem a hanseníase) no discurso e o “ele” (criança, adulto, árvore), fazendo da enunciação do poema um ato único e singular, demonstrando circunstâncias enunciativas que promovem no leitor a percepção clara do um diálogo interno, criado para a promoção da interação entre o eu-lírico e suas emoções e lembranças, enunciando-se como sujeito no ato da fala, usando da subjetividade para transmitir diferentes momentos vividos pelo eu.

Identificamos também um processo de enunciação *testis*, explicada na obra de Agamben (2008), pois no momento de sua enunciação ele narra sua experiência de vida, apresentando seus sentimentos de forma intensa e apresenta em seu testemunho uma

demonstração com marcas enunciativas pessoais, temporais e espaciais. Assim podemos encontrar no *corpus* da análise a linguagem e a língua interagindo de forma viva pois podemos identificar na construção realizada pelo falante o testemunho de uma experiência vivida até o final, reconstruindo através da enunciação algo que se passou, neste caso a experiência de um doente e as sequelas deixadas pela crueldade dos sintomas da hanseníase.

A escolha pela poesia justifica-se na fala de Santos (2013) que defende a poesia como forma de enunciação capaz de eternizar um evento único, ultrapassando o campo da racionalidade apresentando assim a ideia de que o texto poético, além de não deixar de lembrar que a experiência presente na obra, *corpus* da pesquisa após leitura da obra *A dor, o amor e a vida na poesia*, apresentam ao leitor a oportunidade de vivenciar através do discurso e da enunciação subjetiva o testemunho *testis* deste evento, proporcionando através do ato da enunciação uma interação entre o leitor e o eu-lírico promovendo a vivência da realidade representada no ato da locução poética reconstruindo de diversas formas a situação enunciada estabelecendo assim outra subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.

AZEVEDO, Adélia Maria Evangelista. *A experiência na e pela lingua(gem) em testemunhos dos povos ameríndios: a instauração de lugares enunciativos*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. NOVAC, Maria da Glória; NERI, Maria Luisa. 4^a Ed. Campinas, São Paulo Pontes, 1976.

_____, *A Natureza dos Pronomes*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. NOVAC, Maria da Glória; NERI, Maria Luisa. 4^a Ed. Campinas, São Paulo Pontes, 1976

_____, *Da Subjetividade na Linguagem*. In: _____. **Problemas de Linguística Geral I**. Trad. NOVAC, Maria da Glória; NERI, Maria Luisa. 4^a Ed. Campinas, São Paulo Pontes, 1976

FLORES, V. do N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges. *Por que ainda ler Saussure?*. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.

GRÉGIS, Rosi Ana. A alteridade no monólogo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SANTOS, Pedro. *Do signo, do olhar e do funcionamento da linguagem poética de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

VILLACHÁ, Lino. *Quem sou eu? A dor, o amor, e a vida na poesia de Lino Villachá*. Campo Grande. 1976.